

O Caminhar e o Olhar em Cananéia: Perspectivas Fenomenológicas

El Caminar y la Mirada en Cananéia: Perspectivas Fenomenológicas The Walking and the Gaze in Cananéia: Phenomenological Perspectives

Daniela Galvão Vidoto¹

Gustavo Pilão Ramo²

Resumo

Esta pesquisa trata das artes no Centro Histórico, local homologado como patrimônio histórico, na cidade de Cananéia, São Paulo, Brasil. Baseada na fenomenologia (Merleau, 1999) e nos espaços/tempos do cotidiano, a metodologia partiu da observação e da caminhada pelo local. Na esteira das situações, dos ambientes e do engajamento com as pessoas, tecem-se as artes e as maneiras de fazeres do/no/com o cotidiano, relacionando os passantes, os anônimos e o artista com a sensibilidade do mundo vivido. Neste sentido, as artes e paisagens percorridas evidenciam a distinção entre lugar e espaço (Certeau, 2008). O lugar indica uma estabilidade geométrica, já o espaço aparece nas táticas, na forma como as pessoas produzem e operam a vida. Assim, observamos os contextos macro —paisagem geral; médio— localização de pontos com artes expostas; e micro —artes em detalhes e fragmentos. A cultura se organiza e se revela, e a arte popular compõe um panorama significativo deste território. Portanto, os espaços criados para o turismo (festas) e o comércio (artesanato, dança e teatro) geram valores estéticos como a tradição, a relação com o meio ambiente, com o outro e consigo próprio, levando os locais a se verem como agentes de transformação da cidade em que vivem.

Palavras-chave: Fenomenologia; Psicologia e Turismo; Psicologia Ambiental; Psicologia Social; Estética Social.

Summary

This research focuses on the arts in the Historic Center, a site recognized as a historical heritage, in the city of Cananéia, São Paulo, Brazil. Based on phenomenology (Merleau-Ponty, 1999) and on the spaces/times of everyday life (Certeau, 2008), the methodology began with observation and walking through the area. Along the way, through situations, environments, and engagement with people, the arts and ways of doing in/on/with everyday life are woven together, connecting passersby, the anonymous, and the artist with the sensitivity of the lived world. In this sense, the arts and landscapes traversed highlight the distinction between place and space (Certeau, 2008). Place indicates a geometric stability, while space appears in tactics, in the way people produce and operate life. Thus, we observe the macro contexts —general landscape; medium— location of points with exposed art; and micro—arts in details and fragments. Culture organizes and reveals itself, and popular art composes a meaningful panorama of this territory. Therefore, spaces created for tourism (festivals) and commerce (crafts, dance, and theater) generate aesthetic values such as tradition, the

¹ Universidade de São Paulo, Brasil, danielavidoto@gmail.com

² Universidade de São Paulo, Brasil, gustavo.pr0767@gmail.com

relationship with the environment, with others, and with oneself, leading locals to see themselves as agents of transformation in the city they live in.

Key Words: Phenomenology, Psychology and Tourism, Environmental Psychology, Social Psychology, Social Aesthetics.

Recibido: 03/ 03 / 2025
Aceptado: 29 / 04 / 2025

Considerações Iniciais

Este trabalho deriva da tese Paisagens de Cananéia: Pintura, Memória e Ambiente (Vidoto, 2022), trabalho desenvolvido no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). O que trataremos a seguir são ideias gerais previamente desenvolvidas na pesquisa citada, além de darmos continuidade aos estudos que relacionam as artes e os modos de vida de Cananéia. O próprio artigo em questão já é o princípio dessa nova etapa, onde o olhar conjunto dos dois pesquisadores possa trazer novas ideias e possibilidades dentro do que já foi descoberto antes. A princípio, a proposta foi identificar as artes em Cananéia tendo como metodologia a perspectiva fenomenológica, identificando como elas afetam o ambiente e as relações. Em especial porque a base do método consistiu em caminhar e observar os espaços do município. Assim, alguns apontamentos teóricos foram melhor averiguados, bem como as experiências do olhar, do caminhar e do pintar fomentaram o reconhecimento das artes e as noções deste território, especialmente em momentos pós-pandemia. A continuidade da pesquisa levanta algumas questões já descritas anteriormente, mas também descreve fenômenos e acontecimentos que deflagram a mutabilidade do espaço e do tempo.

O Lugar e o Espaço

A Região do Vale do Ribeira é formada pela vegetação da Mata Atlântica e abriga rios, mares, restingas, manguezais e floresta densa. Cerca de 60% do território é coberto por Mata Atlântica e, além das características ambientais, há um grande potencial turístico. Destaca-se, ainda, que neste território temos comunidades tradicionais, como caiçaras, quilombolas, ribeirinhos e indígenas, todos em constante interação com a natureza.

Esta região é composta por 23 municípios: Apiaí, Barra do Chapéu, Barra do Turvo, Cajati, Cananéia, Eldorado, Iguape, Ilha Comprida, Itariri, Iporanga, Itapirapuã Paulista, Itaóca, Jacupiranga, Juquiá, Juititaba, Miracatu, Pariquera-Açu, Pedro de Toledo, Registro, Ribeira, São Lourenço da Serra, Sete Barras e Tapiraí. Eles compõem a região pela bacia hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e Litoral Sul.

A composição ambiental é diversificada: rios que encontram mares, restingas e matas densas, contando com a presença de barcos, voadeiras e escunas que cruzam as águas do Mar Pequeno, tanto no Centro Histórico, quanto no bairro do Porto Cubatão. Esses meios de transporte se estendem por todas as águas deste litoral. Em qualquer tempo ou espaço, estamos na presença das águas: dos mares, rios ou cachoeiras.

Cananéia está localizada no estado de São Paulo. No que tange à área municipal, a cidade tem um total de 1.242,01 km², dividido entre ilhas e área continental, fazendo divisa com os municípios de Pariquera-Açu, Jacupiranga e Barra do Turvo, no estado de São Paulo, e com o município de Guaraqueçaba, no estado do Paraná, pela área continental. Este território abriga 9 Unidades de conservação³ (UC), tanto de Proteção Integral⁴ quanto de Uso Sustentável⁵. Temos o Parque Estadual da Ilha do Cardoso e o Parque Estadual do Lagamar, considerados de Proteção Integral. Outras unidades são a APA Cananéia —Iguape— Peruíbe, Reserva Extrativista do Mandira, Reserva Extrativista do Rio do Tumba, Reserva Extrativista Taquari e APA Marinha do Litoral Sul.

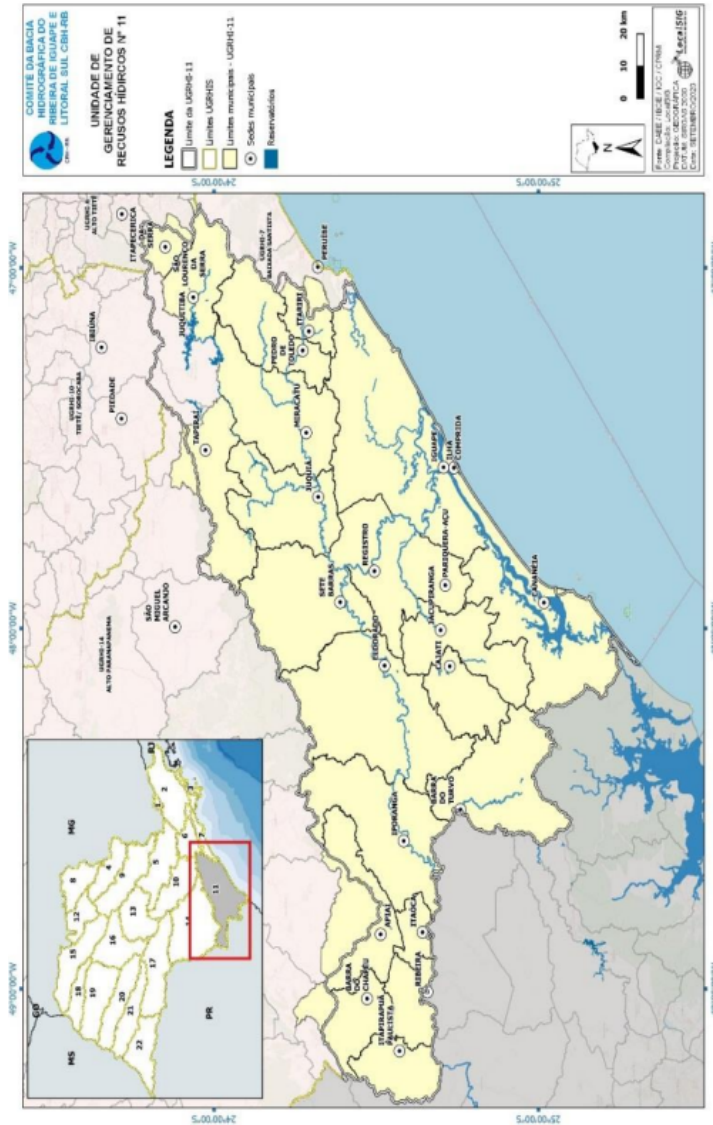
A partir da disposição territorial das UC, a população foi estimada, em 2020, em 12.379 habitantes, sendo que 10.674 vivem na área urbana e 1.641 na área rural, com uma taxa de urbanização de 86,7% (Relatório UGHIDRO, 2020).

³ Unidade de Conservação: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. SNUC, Lei 9985/2000.

⁴ Proteção Integral: manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana. O objetivo básico das Unidades de Proteção Integral é preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos nesta Lei. SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação), Lei 9985/2000.

⁵ Uso Sustentável: exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável.

Imagem 1
Mapa da Região do Vale do Ribeira



Fonte: <https://sigrh.sp.gov.br/public/uploads/documents//CBH-RB/19455/relatorio-de-situacao-2020.pdf>.
Modificado pelos autores. Junho de 2023

As principais fontes de renda são o primeiro e o terceiro setor. No primeiro setor destacam-se as pescas profissional e artesanal; as agri-culturas de subsistência e a iniciativa de produção agroecológica. Outro setor importante para a economia local é a prestação de serviços, em especial, na área de hospitalidade e lazer, como restaurantes, meios de hospedagem e os atrativos turísticos que compõem o território.

Vale destacar que, entre as tipologias de turismo, o turismo de sol e praia é o principal segmento, seguido do ecoturismo, fomentado pelos órgãos ambientais e, como uma nova iniciativa, o turismo de base comunitária, especialmente gerenciado nas comunidades caiçaras e quilombolas.

Historicamente, Cananéia está entre as primeiras cidades colonizadas do país. Isto é formalizado através do Centro Histórico pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), órgão gerenciador dos patrimônios históricos do Estado de São Paulo. Além da arquitetura do Centro Histórico, há outros vestígios deste antigo povoamento em arquivos e nas narrativas populares.

Inicialmente, percebemos como os modos de vida da região têm origem caiçara. Segundo estudos realizados com as comunidades caiçaras e de descendentes de quilombolas do município, encontram-se instrumentos e artefatos manufaturados, crenças, usos, costumes e narrativas que representam as manifestações culturais e as histórias de vida. Dentre estes, podem ser destacados: a madeira para fazer artesanato, "(...) A brejaúva pro bodoque. Também se faz colheres e garfos... Os cestos e balaíos, de *timbopeva*. Taquara para peneiras. Tudo tirado da própria natureza" (Dunker, 2007, p. 2). Além do uso da natureza, o modo de plantação, feito em mutirão, representa o coletivo entre as famílias das comunidades, ou seja, as famílias ajudavam ou faziam o "ajuntamento" de pessoas na plantação de arroz, milho, feijão e na criação de porcos, galinhas... (*ibíd*, p. 18).

Nesta esteira, as atividades coletivas sempre estavam presentes no trabalho da lavoura e na pesca artesanal, esta última podendo ser o lanceio com a rede de pesca e por meio dos cercos (Dunker, 2007, p 31).

Quanto às artes, é possível identificá-las simplesmente olhando para o ambiente. Quando visualizamos os cercos no Mar Pequeno, por exemplo, e as pessoas nos barcos com redes e varas de pesca percebemos aspectos artísticos locais. Ou quando caminhamos pela orla e a arquitetura típica capta o nosso olhar.

Imagem 2
Barcos representando os caiçaras



Fonte: os autores. Abril de 2023.

Imagem 3
Construção antiga na região da orla.



Fonte: os autores. Abril de 2023.

As Associações, em especial a Rede Cananéia, e grupos atuantes no âmbito das artes locais destacam que elementos como os cercos, os covos (armadilha para peixe), as redes de lanceio para pesca do robalo e de outros peixes ainda são utilizados em todas as comunidades que mantêm a prática da pesca artesanal.

Além destas expressões culturais, ainda há o Fandango envolvendo música tocada com violas, rabecas, adufos e dança em pares e em roda, com tamancos, cestarias, construção de barcos, pintura e artesanatos diversos. Ao percorrer Cananéia, encontramos estas artes nas comunidades, casas, nas festas tradicionais e eventos culturais, voltados para os turistas e o público local.⁶

O Fandango Caiçara, classificado como Patrimônio Imaterial em 2011 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2023), nos estados do Paraná e São Paulo, se destaca por conjugar diferentes formas artísticas, como a confecção dos instrumentos, as músicas que relacionam o caiçara com a natureza, a religiosidade e a vida cotidiana.

O fandango para os “sitiante-caiçaras”, se apresentava como o espaço da “reciprocidade”, onde o “dar-receber-retribuir” constituía a base de suas socialidades, marcada pelas dimensões familiares, de compadrio e vizinhança. Para as comunidades rurais e de pescadores estabelecidas neste território, o lugar do fandango em suas vidas sociais e lúdicas, além de estar ligado à organização do trabalho comunitário —o mutirão— relacionava-se também, ao conjunto de laços de sociabilidade produzidos na região.⁷

Importa mencionar que, em 2005, já havia sido iniciado o projeto “Museu Vivo do Fandango”, incluído, em 2011, na “Lista de Melhores Práticas de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da Humanidade”, da Unesco, a fim de preservar essa manifestação cultural.

Em Cananéia, O Grupo Fandango Batido São Gonçalo foi criado em 2005, tendo como objetivo principal a divulgação e a valorização cultural das tradições caiçaras, refletindo sobre a identidade local e realizando oficinas, intercâmbios e apresentações. Seu principal responsável é o artista Amir Oliveira, contando com a participação do músico Rodolfo Vidal. Entre os espetáculos do grupo, destaca-se o “Batendo as Tamancas”, gravado em CD em 2013. O Fandango Batido faz parte da Asso-

⁶ Disponível em: Dossie_fandango_caicara.pdf (iphan.gov.br), acesso em 30 de junho de 2023.

⁷ Disponível em: Dossie_fandango_caicara.pdf (iphan.gov.br) Acesso em: 20 de junho de 2023.

ciação de Cultura Caiçara de Cananéia (ACUCA), integrando projetos de divulgação e salvaguarda do fandango caiçara, em um movimento interestadual.

A Teoria e a Prática

Os conceitos que permearam este estudo se estabeleceram ao longo da pesquisa de campo, especialmente, com Berleant (2010) que trouxe ao campo da filosofia o repensar do conceito de estética, correlacionando suas definições ao longo da história. Segundo Berleant, as configurações históricas e sociais estão sempre mudando. Ele parte de conceitos ontológicos desde o século XVIII, como o retorno à Grécia Antiga proposto por Alexander Gottlieb Baumgarten: a estética enquanto ciência do conhecimento sensório (Andriolo, 2021, p. 110).

Berleant (1984) amplia o conceito de estética —inicialmente inserido no campo das artes— incluindo o Meio Ambiente e partindo da perspectiva da experiência estética, onde ele menciona dois aspectos: a experiência sensória e a experiência dos significados, através do compartilhamento da sensibilidade. A primeira considera os sentidos e a percepção com o mundo vivido, trazendo a perspectiva fenomenológica. Principalmente com Merleau (1999), por experienciar o eu e o outro, dentro de um espaço e um tempo determinados. A segunda considera os significados, os valores que emergem da relação com o grupo de pessoas, bem como na relação com os objetos.

Nesta ampliação, Berleant (2010) questiona a pesquisa estética e a coloca como a “[...] sensibilidade de perceber o mundo não somente na concepção cartesiana, mas a percepção do todo, incluindo o mundo em seus aspectos culturais, sociais e políticos” (p. 48).

Segundo o autor, esta estética e a experiência estética derivam e fazem aporte com a perceptibilidade, não apenas como uma experiência direta, mas como um reconhecimento dos valores que emergem da relação com o outro no mundo experienciado. Para isso:

O método fenomenológico tem dupla utilidade aqui, não somente pelo rigor da exposição e suspensão de julgamentos, mas também pelo foco na experiência perceptual como o ponto originário da investigação (Berleant, 2010, p. 11).

Assim, a estética é a experiência sensível que suspende os julgamentos em um tempo e espaço determinados, abrangendo as artes, os objetos da vida cotidiana e dos ambientes construídos, naturais ou

urbanos. Dentro desta perspectiva, a estética também abriga a relação com o outro, caracterizando a estética social com base em grupo de pessoas, comunidades e ambientes onde os valores e a experiência sensorial emergem do compartilhamento do sensível.

Outro ponto foi perceber como as artes saem dos espaços privados e se integram aos espaços públicos. Nestes espaços, outros tipos de artes buscam compor as memórias locais.

Dentro das situações, experiências e do engajamento com as pessoas tecem-se as artes e as maneiras de fazer no/do/com o cotidiano. Certeau (2008) aborda a relação dos passantes, dos anônimos, do “homem ordinário” e do artista com a sensibilidade do mundo vivido nesse dia-a-dia.

O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilhar) [...] Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição [...] É um mundo das memórias afetivas, memórias olfativas, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres [...] (Certeau *et alii*, 2013, p 31).

Neste tempo e espaço diários experimentamos o mundo que nos é dado, participamos e partilhamos vivências sensíveis com o outro, conjugando com os diversos ambientes e com nós mesmos. Dessa maneira, as conversas, e os silêncios compartilhados com os locais constituíram o espaço-tempo estudado no território. Em Certeau (2008), dois conceitos importantes foram observados:

Chamo de ‘estratégia’ o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta (p. 46).

Nesta lógica, a *estratégia* submete regras e forças de um lugar, podendo ser definidas por uma nacionalidade política, econômica ou científica, incluindo a ambiental, que classifica os “fazer e agires”. Estas estratégias são captadas e reproduzidas por meio de uma racionalidade, incorrendo em um sistema homogêneo, “seguro”, fora do campo da heterogeneidade, que compõe o cotidiano. Regula-se e se formaliza, assim, as maneiras de fazer, de se comportar, como se todo o contexto pudesse ser tabulado e classificado na organização da vida.

Contudo, no fluir da vida, nas maneiras de fazer e sobreviver mediante as leis, encontramos as *táticas*, que se “manifestam no espaço onde não se pode capitalizar os proveitos” (Certeau, 2008, p. 11). Desta forma, uma tática: “[...] prepara sua expansão e assegura uma independência em face das circunstâncias... A tática depende do tempo... Em nossas sociedades, elas se multiplicam com o esfarelamento das estabilidades locais, como se não estivessem mais fixadas” (*ibíd*, p. 47).

As táticas constituem as outras possibilidades e caminhos estabelecidos pela estratégia, na pluralidade de sentidos e do fazer, jogando sempre com os acontecimentos e tendo o “acaso” e a “situação” como uma forma das maneiras de fazer nos tempos e espaços.

Dentro das táticas, há um invisível nas práticas que vem à tona no engajamento e no encontro do eu e do outro no mundo (Merleau Ponty, 1999). Certeau (2008) investiga como as táticas ocorrem, especialmente, em quatro atividades: ler, caminhar, habitar e cozinhar.

Com base nestas considerações, este trabalho “pega emprestado” da teoria a atividade do caminhar, que se apresenta como o início da experiência estética, e o fazer artístico, como a estética cotidiana e a estética social.

Portanto, as percepções e descrições aqui presentes tratam da inserção dos pesquisadores no território estudado, compondo a observação, a experiência sensível, o compartilhamento e o engajamento nos espaços e com o grupo de pessoas, artistas, aprendizes e viajantes. Compondo os saberes, as percepções e as memórias de um coletivo, de um saber que se manifesta no conjunto das falas e das conversas em situações específicas:

É dentro do mundo que nos comunicamos através daquilo que nossa vida tem de articulado. É a partir deste gramado diante de mim que acredito entrever o impacto do verde sobre a visão de outrem (Merleau, 1999, p. 24).

Ao tratarmos do espaço/tempo do cotidiano, Mandoki (2013) considera as ideias de Berleant e nos fala sobre a experiência estética. Nas artes a chama de *poética*; no cotidiano, *prosaica*. Em Cananéia conhecemos os artistas do Ateliê Empório Dell’Arte, e notamos, por exemplo, como a prosaica emergiu nas descrições dos objetos pintados, no manejo dos pincéis e na escolha das cores para compor as imagens. A estética cotidiana também aparece quando conversamos com eles durante uma refeição vespertina —café, bolos e biscoitos. Nessas conversas, que

parecem tão despretensiosas, revelam-se as táticas. Boa parte do que eles produzem está relacionado à igreja e à prefeitura— como máscaras, esculturas, pinturas e organização de eventos artísticos. São artes feitas por encomenda e há uma originalidade nessas produções, ainda que não saibamos ao certo até que ponto o traço de um termina e o toque do outro começa. Mas é possível notar que dentro da estratégia estabelecida eles são capazes de se expressar e ter suporte para desenvolverem seus trabalhos e pesquisas. São táticas entremeadas às estratégias, pois no ateliê há um resgate histórico local através de desenhos, pinturas e memórias antigas.

Considerações Finais

Na seara das análises documentais, das teorias, dos olhares e das experiências, identificou-se que as artes de Cananéia entrelaçam-se em hibridização (Canclini, 2015). Este é um movimento que fomenta a história sutilmente, pois acontece nos tempos e espaços locais. Há uma intensificação da interculturalidade que favorece o intercâmbio do passado com o presente e possibilidades futuras, pois tudo se mistura. Práticas tradicionais são mantidas, modificadas e ressignificadas simultaneamente na tentativa de se estabelecer um lugar próprio e uma marca, um registro de sua existência.

A hibridização aparece na produção e venda de artesanatos na Rua dos Artesãos. Outro exemplo é na relação experiencial com as águas, onde nos cenários de barcos e cercos ao longo dos rios e do Mar Pequeno temos a arte “embutida” nas maneiras de fazer redes e produtos da natureza com enfoques econômicos e culturais. Isso também ocorre quando o caíçara passa a comprar uma colher de madeira para vendê-la como *souvenir* ao invés de produzi-la para o uso doméstico. Na primavera, geralmente, as ruas e praças são tomadas pelas apresentações do Fandango Caiçara nos encontros de fandangueiros. Nas festas religiosas, em especial a Festa do Divino, celebrada no outono, os rituais e as cerimônias compõem os modos caiçaras com o “toque” de artistas plásticos e escultores nos arranjos e nas restaurações das imagens. Todos os rituais e/ou festas religiosas tecem o tempo e o espaço cotidiano, enquanto as pessoas juntam-se para estas celebrações.

A arte plástica ou a arte “reconhecida” do lugar ressaltam os casarios tombados do patrimônio histórico, com lembranças e memórias de outrora e ao mesmo tempo apresentam e engajam pessoas para saberem,

falarem e narrarem a história de Cananéia. Sem datas definidas, mas com o narrar de quem fala, lembra e pertence àquele espaço. Estas pessoas cultivam as raízes, conhecem os movimentos e criam as brechas para a ocasião de apresentar as artes de Cananéia entre as comunidades e entre os viajantes.

O sensível dos pesquisadores foi afinado. Nesse sentido, o quadro de artes e paisagens percorridas faz uma relação com a distinção entre *lugar e espaço*, abordadas por Certeau (2008). A partir dos conceitos citados acima, o *lugar* é conjugado com a *estratégia*, tal qual nos mapas, que indicam uma estabilidade geométrica. O *espaço* correlaciona-se com as *táticas*, refletindo a forma como as pessoas produzem e operam a vida:

Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (Certeau, 2008, p. 202).

Assim, pensamos que em determinados espaços existem nuances relacionadas ao lugar. Dentro dessas nuances, temos as brechas das estratégias. São as oportunidades que as pessoas aproveitam para desenvolverem seus modos de vida. Ou seja: são táticas. São espaços vazios dentro das estratégias preenchidos com atividades que vão de encontro com o que faz sentido para quem as faz.

Talvez pudéssemos acrescentar que só conseguimos adentrar o campo das táticas a partir do momento em que existe uma confiança mútua. Ainda que sejamos de fora, percebemos como a dinâmica muda conforme conhecemos a cidade e alguns de seus moradores, conforme nos inserimos no cotidiano. Exemplo simples disso é quando comemos junto com locais e eles são cumprimentados pelos donos, atendentes, etc. São pessoas que já se conhecem, já convivem normalmente. Entretanto, quando estamos acompanhando um morador, o tratamento é outro, há um acolhimento maior. É como se não fôssemos vistos exatamente como turistas, e sim viajantes. Mas talvez seja exatamente esse outro posto que ocupamos que nos permita ver as fendas das rochas que sustentam as estratégias e os lugares. Ainda assim, é importante frisar que mesmo acompanhando os locais não temos a visão de alguém que vive na cidade, pois nossas perspectivas estrangeiras permeiam o olhar, mesmo quando este olhar está diante das táticas e do espaço.

Referências

- Andriolo, A. (2021). "O Campo da Estética Social: Ambiente e alteridade" em *Revista de Psicologia*. 1 julio de 2021. 12 (2). p. 105-118.
- Berleant, A. (1984). *Aesthetics and Environment*. Philadelphia: Temple University Press, p.289.
- Berleant, A. (2010). *Sensibility and Sense: The aesthetic transformation of the human world*. Charlottesville/USA: Academic Philosophy Documentation Center, p. 315.
- Canclini, N. (2015). *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 416.
- Certeau, M. (2008). *A Invenção do Cotidiano*. 1. Artes de fazer. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, p.261.
- Certeau, M., Giard, L. y Mayol, P. (org) (2013). *A Invenção do Cotidiano*. 2. Morar, cozinhar. 12ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Comité Da Bacia Hidrográfica Do Ribeira De Iguape E Litoral Sul – CBH-RB (2013). *Relatório de Situação dos Recursos Hídricos da UGRHI 11, Registro, 2013*. Disponível em: Relatório 2013. Acesso em 04 de julho de 2021.
- Comité Da Bacia Hidrográfica Do Ribeira De Iguape E Litoral Sul – CBH-RB (2020). *Relatório de Situação dos Recursos Hídricos da UGRHI 11, Registro, 2020*. Disponível em: Relatório 2020. Acesso em 05 de julho de 2021.
- Dunker, P. (2007). *O Caiçara se Revela no Município de Cananéia*. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica.
- Instituto Do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional Departamento de Patrimonio Imaterial (2011). *Dossiê de Registro do Fandango Caiçara*. Ministério da Cultura.
- IPHAN (2023). *Pedido Para Registro de Bem Cultural - Fandango caiçara*. Disponível em: Pedido para registro de bem cultural – Fandango Caiçara – IPHAN (ibict.br). Acesso em 02 de julho de 2023.
- Livro do tombo histórico (2017). *Resolução de 11-12-1969 e Resolução SC – 71, de 19/12/2017, inscrição núm. 5, p. 2, 27/4/1971*. São

Paulo: CONDEPHAAT. Disponível em: (condephaat.sp.gov.br). Acesso em 25 de abril de 2019.

Mandoki, K. (2013). "The Sense of Earthiness: Everyday aesthetics" en *Diogenes* 59, p.p. 138-147.

Merleau, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Vidoto, D. G. (2022). *Paisagens de Cananéia: Pintura, memória e ambiente*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo.